

DEPOIMENTO

Edson Gabriel Garcia

Professor de Português da Rede Estadual de Ensino; autor de livros de literatura infantil.

Caros companheiros de trabalho:

Este é o depoimento de um professor-autor.

A convivência com meus alunos e a procura constante de textos para usá-los em sala de aula, quer do ponto de vista gramatical, quer do conteúdo, ou de sua estrutura formal, levaram-me a fazer verdade de um desejo há muito tempo contido e praticado às escondidas, ou seja: escrever textos para meus alunos.

Assim, meio pela porta dos fundos, entrei no circo da literatura infanto-juvenil.

Aos poucos, os textos foram avolumando-se, a experiência somada e as opções tomadas. Comecei perguntando-me: a linguagem, mesmo a literária, pode ser neutra ou deve revelar e propor idéias do autor?

Por uma questão de vivência com leitores e dinamização do texto literário, optei pela segunda. Meus textos não são neutros nem escondem minhas posições sobre a vida. Sigo a fala do mestre Neruda: "Onde houver sofrimento, haverá um poeta sofrendo com você".

Continuei a perguntar-me: conto a história usando fatos e personagens pararreais? Optei por fatos e personagens pararreais, criados por mim, fantasiados simbolicamente.

As leituras apontam-me vários caminhos: monto histórias de aventuras, sonhos, maravilhas, roubos, detetives,

crimes, mistérios ou casos? Optei por aventuras, mas aventuras não-alienantes, desvinculadas de ideologia conservadora e de consumo. Aventuras impossíveis de acontecer, numa visão linear e denotativa, mas decodificadas e facilmente extrapoladas para o real, numa perspectiva conotativa. Como disse uma aluna minha, quando lhe perguntei de que gostava no meu livro: "gosto da aventura que não pode acontecer, mas que também pode acontecer".

Estas opções obrigam-me a escrever textos curtos e densos. Um pequeno capítulo, de não mais de três páginas, dá muito tempo de bate-papo, troca de opiniões, reinterpretações e, acima de tudo, reflexão sobre o real.

Escritos, lidos, discutidos e editados, os textos vão para as mãos de alguns dos nossos alunos, passando antes pela leitura do professor. Nas mãos dos leitores os livros são lidos e discutidos (entenda-se "discutir o livro" como a verdadeira vocação da leitura). Invariavelmente temos ouvido em escolas, de alguns jovens, ainda receosos em aproximarem-se do autor, a frase: "Este foi o primeiro livro que eu consegui terminar de ler". Isto nos dá a certeza de que foi atingido um primeiro estágio de leitura: o leitor sensibilizou-se com o que leu.

Posteriormente, e esta tem sido a melhor experiência como autor, visitamos as escolas para discutir o livro com os leitores. Aí o livro toma vida, a boca é aberta, o pensamento liberado, o tempo é esquecido, as licenças brotam, o autor é flechado por dezenas de cabeças perguntantes. A leitura justifica-se; ela deu vida ao livro.

Temos colhido, nessas experiências, índices para orientação de nossos erros e acertos como autor, como professor e como ser humano. Temos, sobretudo, colhido material para argumentar ao mais cético teórico da educação ou da leitura na escola, sentindo a literatura infanto-juvenil como agente

social de mudança, ou, no mínimo, como agente de inquietação intelectual. O ser humano ainda pensa, logo ainda existe. Basta que se lhe dê em que pensar.

Alguns personagens — cito, como exemplo, o Bicho Cala-a-boca, um dentre os meus preferidos — são objetos de muitas e muitas perguntas, reflexões e comparações. Ele é decodificado como censura, isolamento, massificação, atitude ditatoriais. Ainda recentemente os leitores, alunos e professores, perguntavam e faziam interpretações insistentemente sobre esse personagem, trocando olhares sutis e cúmplices. Vim a saber, depois, que a diretora da escola era a própria personificação do Bicho Cala-a-boca.

Alguns elementos da narrativa — "o saquinho, a lágrima vermelha, o sorriso azul, a aquarela e o pincel" — permitem uma abundante gama de decodificações, um exercício soberano do pensamento e da criatividade do leitor. Isto nos dá outra certeza: mais um nível de estágio da leitura é alcançado, ou seja, a atuação racional do leitor sobre o texto.

Face a isso continuamos com nossa proposta: de um lado o autor criando, com um número reduzido de palavras, um universo próprio; de outro lado o leitor entrando de corpo e cabeça nos textos, sensibilizando-se, perguntando-se e recriando.

Tiramos disso duas conclusões, ainda que provisórias. Primeira: não há neutralidade na linguagem. Segunda: mesmo que se aceite a atuação do professor como intermediário entre o livro e o leitor, isto pouco interessa, se descobrimos que em cima (ou em baixo) de cada livro podem-se construir vários outros universos críticos, comparativos, reflexivos e hipotéticos.